



Data: 25.10.2017

Título: O ardente crepúsculo de Portugal

Pub:

JL

Tipo: Jornal Nacional Quinzenal

QuickCom
comunicação integrada

Secção: Cultura

Pág: 32

IDEIAS / CRÓNICA, ENTREVISTA



ECOLOGIA

VIRIATO SOROMENHO-MARQUES

O ardente crepúsculo de Portugal

Em dois dos seus mais importantes livros sobre filosofia política, *De Cive* (1642) e *Leviathan* (1651), Thomas Hobbes descreveu os horrores do “estado de natureza”: a vida coletiva, de angústia, incerteza, desconfiança e medo, sem a segurança da lei e o braço protetor da justiça do Estado. O 15 de outubro de 2017 português ficará como mais um capítulo, desta vez empírico e histórico, de que o estado de natureza existe mesmo, não se

tratando de uma mera ficção racional. Se em 17 de junho de 2017, no sangrento incêndio de Pedrógão, o Estado falhou pela desorganização e incompetência de quem tinha a missão de coordenar, em 15 de outubro o Estado pura e simplesmente não estava lá (faço aqui exceção da ação meritória de muitas autarquias fazendo dilatar os seus escassos meios até ao impossível).

Morre-se sempre sozinho, mas mais ainda quando quem era suposto estar a nosso lado, para a defesa da vida e da propriedade, aquele

mínimo que até os anarquistas neoliberais consentem para o Estado, prima pela ausência. Não quero repetir o que já disse em tantos artigos sobre as razões conjunturais e estruturais do problema dos incêndios florestais no nosso país. Hoje quero apenas partilhar convosco as minhas certezas. O que aprendi com este quatro meses de brasa é que não existe solução à vista. O governo de António Costa não me parece em condições de resolver o problema. Nem a oposição.

Na verdade, o que fracassou em 2017, sem apelo nem agravo, foi um modelo de enfrentar os incêndios florestais com mais de 20 anos de vigência, que António Costa bem conhece, e que não deixa de fora nenhum dos grandes partidos portugueses. A responsabilidade política não termina, pois, na decisão absurda de ter dispensado 30 dos 48 meios aéreos no dia 1 de



“O que fracassou, sem apelo nem agravo, foi um modelo de enfrentar os incêndios florestais com mais de 20 anos de vigência”



O chamado ‘interior’ foi primeiro despovoado. Está agora a ser desertificado pelos incêndios, aumentando, com isso, a intensidade do despovoamento

Área: 403cm² / 48%

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 5698057



Data: 25.10.2017

Titulo: O ardente crepúsculo de Portugal

Pub:

JL

Tipo: Jornal Nacional Quinzenal

Secção: Cultura

Pág: 32



outubro, apesar de toda a informação meteorológica apontar para um outubro escaldante. Apenas começa aí. Este ano cerca de metade do território ardido na União Europeia ardeu em Portugal. Espanha, com um território mais do que cinco vezes maior do que Portugal teve apenas um quarto da área ardida no nosso país.

O que há a fazer é um esforço enorme. Que passa pela mobilização de todos os recursos nacionais. Em 2017, Portugal perdeu soberania sobre uma parte substancial do seu território. O chamado “interior” foi primeiro despovoado. Está agora a ser desertificado pelos incêndios, aumentando, com isso, a intensidade do despovoamento. Para inverter esta lógica destrutiva será necessário uma inteligência, uma energia e uma persistência, que, existirá certamente na sociedade portuguesa, mas que não me parece visível na nossa elite política. Portugal precisa de realizar uma nova Reconquista de um território que só é seu nominalmente! Estamos num daqueles momentos históricos em que vemos o problema, identificamos os caminhos de solução, mas falta-nos o sujeito capaz de fazer a ligação entre uma coisa e outra. São nestes momentos que o valor existencial de um país e a fortaleza de um Estado são colocados perante a suprema prova. **JL**

Área: 403cm² / 48%

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 5898057